



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Clipping MP

Data: 22/06/2012

Link: <http://clippingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2012/6/22/>

Caderno / Página: - / -

Assunto: Alta tecnologia convive com atraso na área rural

Alta tecnologia convive com atraso na área rural

A produção dos pesquisadores brasileiros voltada para o agronegócio está entre as mais avançadas do mundo. Os trabalhos desenvolvidos no país em termos de sistema de produção agrícola e pecuária nos trópicos são considerados de ponta. Um exemplo é a tropicalização dos recursos genéticos da soja. Os pesquisadores ressaltam que, há 25 anos, a soja só era produzida no Rio Grande do Sul e hoje, graças ao nível do setor de P&D, há produção de qualidade em todo o país, chegando a Roraima.

Se temos todo esse avanço tecnológico; se a comunidade científica brasileira conseguiu "tropicalizar" a produção de equipamentos, recursos genéticos e insumos; se o sistema de agricultura no Brasil apresenta setores muito avançados no uso de tecnologia e aproveitamento de recursos naturais, por que ainda existem tantos produtores rurais na linha de pobreza e tão afastados do desenvolvimento tecnológico? Esta foi a principal questão levantada pelos pesquisadores nos debates sobre Sustentabilidade no Agronegócio do evento Humanidade 2012.

O PhD Elíbio Rech, pesquisador da Embrapa, diz que há um grande paradigma no Brasil, pois o país é reconhecido como detentor de tecnologias que fazem de seu setor agropecuário um dos mais desenvolvidos do mundo, porém há cerca de três milhões de produtores rurais no país, maior parte deles localizados no Nordeste, que, além de não terem acesso às tecnologias, não têm água e insumos para produzir. "Acabar com a pobreza no campo é completamente possível no Brasil, porque dominamos todas as etapas da produção. Mas trata-se de uma questão de política de Estado. Temos que parar e pensar se realmente queremos quebrar esse paradigma. Se todos concordarem que sim, então é hora de tornar isso possível", afirma Rech.

Para o pesquisador, é necessário acabar com as divisões no setor agropecuário no Brasil, em que há um grupo com acesso às tecnologias mais modernas e capaz de poupar recursos naturais, produzindo de forma sustentável, e, no extremo oposto, um grupo que não tem acesso a nenhum recurso, muitas vezes, nem água.

Rech afirma que a solução está em investimentos que garantam a introdução de tecnologias em sistemas produtivos em larga escala. "Isso é necessário não só para beneficiar o pequeno produtor, mas por haver grandes produtores que utilizam mal os recursos naturais", ressalta.

Especializado em microbiologia e fertilidade dos solos, o pesquisador José Carlos Polidoro, da Embrapa Solos, enfatiza que a solução para os pequenos e médios produtores rurais é a adoção de um programa nacional de assistência técnica continuada. Polidoro comenta que os produtores de menor porte não têm como pagar por profissionais especializados como agrônomos, veterinários e engenheiros florestais para garantir a utilização continuada de tecnologias. Ele cita como exemplo o programa de agricultura de baixo carbono.

"O objetivo do programa é aumentar a quantidade de carbono no solo, com o uso da matéria orgânica. O produtor rural até sabe que o programa existe, mas ele não tem ideia de como isso acontece na prática. Porque é necessário usar como parâmetro a medida de matéria orgânica no solo, procedimento que está longe do cotidiano do pequeno produtor, que não sabe nem o que significa, porque esta medida não é usada para recomendação de adubação nem de correção do solo. Ele precisa da ajuda de um profissional e não consegue pagar pelo serviço", diz Polidoro.

Os pesquisadores também ressaltam que os institutos de pesquisas e o meio acadêmico não têm o papel de viabilizar a assistência técnica. Polidoro ressalta que a ausência de projetos nacionais de assistência

técnica e de extensão rural ocorreu após a dissolução da Embrater. Para o especialista em solo, o governo precisa organizar um programa de assistência técnica, que pode até incluir o setor privado.

"Nenhum grande produtor se negaria a apoiar um programa desses, porque ele depende do pequeno produtor. É importante que o governo lidere um projeto nesses moldes, assuma as questões regulatórias e a governança, mas faça acontecer, porque a Embrapa e outras instituições de pesquisa e ensino não são obrigadas a fazer o papel de extensão. Na Embrapa, não deixamos de prestar essa assistência, mas não é nosso papel. Temos que formar recursos humanos e desenvolver tecnologia e conhecimento para a agricultura e agronegócio".

Para a professora da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), da Universidade de São Paulo, com pós-doutorado na Pennsylvania State University (EUA) e especializada em Agronegócio e Economia Internacional, o problema vai além da falta de assistência técnica. É preciso resgatar projetos de extensão rural, porque antes de levar o conhecimento técnico ao produtor rural é preciso sensibilizá-lo. Para ela, o grande problema está na falta de um sistema de extensão rural.

"Só conseguiremos sensibilizar o produtor rural se tivermos diagnósticos atualizados do setor rural. A partir desse diagnóstico, teremos condições de estabelecer ações para o repasse sistemático do conhecimento. Temos muitas diferenças. Na pecuária, as diversidades vão desde o sistema produtivo ao perfil cultural do produtor", comenta.

Silvia alerta que, apesar de o Brasil ter avançado na pesquisa no agronegócio, o investimento em P&D não pode deixar de ser feito. Segundo ela, em alguns setores, houve arrefecimento no sistema de produção. "Não podemos esquecer que precisamos, em média, de uma década para ver os resultados práticos de uma pesquisa, então é necessário manter esse investimento aliado a um programa de extensão rural", diz a professora, que defende a participação privada em um programa de extensão, mas alerta que, em alguns casos, a questão deverá ser de total responsabilidade do Estado.